

Este trabalho se insere na pesquisa “Educação do Olhar e Formação Ético-estética: Cinema e Juventude”, que investiga o cinema na educação de estudantes de Pedagogia, considerando a possibilidade de um trabalho ético-estético de cada um sobre si mesmo, conforme proposto por Foucault. O recorte que apresentaremos é decorrente de informações retiradas de questionários aplicados em 2009 a alunos de Pedagogia da Grande Porto Alegre. As respostas trouxeram dados sobre o modo como os estudantes se relacionam com o cinema e como o vêem nas práticas escolares. Ao solicitarmos uma posição diante da afirmação de que “cinema é uma forma de arte”, 98,2% concordaram plenamente ou em parte. Mas, ao analisarmos as respostas das questões dissertativas sobre o cinema em sala de aula, vemos que este é citado ou como importante produto cultural, ou como atividade de lazer (contra a monotonia da rotina escolar) ou como ferramenta eficiente para ilustrar conteúdos, sem haver menção à sua validade artística. De 585 questionários, apenas 20 citam o cinema como criação estética; considerando estudos que apontam a singularidade da função cognitiva e epistemológica do objeto artístico, percebemos que esta pode ser uma carência na perspectiva da formação ético-estética dos estudantes. Entendemos, com base em Foucault, que o contato com obras de arte permite a experiência com diferentes modos de percepção e significação, ativados pela diferenciada elaboração de linguagem que as constitui. Tais aspectos, presentes no cinema, não aparecem nos usos pedagógicos citados, os quais concentram-se nos objetivos de ilustrar aulas ou transmitir mensagens. Tudo indica que a fruição perceptiva e sensível estaria sendo subvalorizada, em favor de um uso “didatizante” do cinema.